

Almeida, Maria Antónia Pires de (2002), “Carreteiro”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora. ISBN: 972-774-133-9.

Entrada: **Carreteiro**.

Grupo: Outros.

Variantes: Almokeri, Almoqueire, Almoqueri, Almoqueve, Arreeiro, Azemel, Capataz dos Carreiros, Carreiro, Carreiro raso, Carreteiro, Cingeleiro, Condutor de Azémolas, Recoveiro, Singalheiro, Singeleiro, Sinzeleiro.

“Elemento da rede de comunicações interiores que tinha a seu cargo o transporte em carro e referido documentalmente desde os tempos mais remotos (...) o veículo de transporte de duas rodas e eixo fixo recebia o nome de carro ou carreta; a carga que levava tinha a designação de carrada ou carretada (...) O carreteiro estava sujeito à mesma fiscalização do almocreve”. A partir da segunda metade do séc. XIX também são referidos como *Alugadores de carros*. Entre 1903 e 1911 existiam 15.000 no território nacional. “Mas o predomínio de qualquer meio de tracção animal foi completamente anulado pela camionagem, cujo desenvolvimento se inicia em Portugal por volta de 1927” (Borges de Macedo, DHP, 1981). No entanto, a precária rede de estradas no interior de Portugal prolongou a necessidade dos carros de tracção animal até meados do século XX. Por exemplo, em Avis só houve carreira regular de camionetes desde 1935 quando se construiu a primeira estrada (Almeida, 1997). E em muitas localidades do norte de Portugal as estradas só chegaram no final do século.

Em meio rural o seu papel era fundamental para o transporte dos produtos agrícolas, assim como de todo o tipo de mercadorias necessárias tanto para a agricultura como para a vida diária das populações isoladas em aldeias e montes. Este transporte era feito desde o local de origem das mercadorias até ao ponto de venda ou até à estação de caminho-de-ferro mais próxima, de onde partia para o seu destino. Tinha características semelhantes por todo o país.

O Carreteiro vem referido nas fontes pelo menos desde o século XV em Évora (Marques, 1981). Nos Forais Manuelinos encontrou-se um em Alva, 1514. Está presente nas listas de profissões que serviram a Casa de Bragança em Vila Viçosa (*Mercês*, 1583). E em Évora, ainda no século XVI encontraram-se alguns que utilizavam os seus escravos para fazer o serviço de transportes: por exemplo um escravo da viúva de

Manuel Pires, em 1571, “com as carretas dela carregadas de pão pera esta cidade”. No século XVII encontram-se carreteiros nas listas de irmãos da Misericórdia de Santarém (Palma, 1987). No século XIX estão presentes em Viana (AHMOP, 1859) e na Lavoura de Palma, em Alcácer do Sal (1872-82). Nos livros de contabilidade desta lavoura encontram-se trabalhadores pagos à tarefa com as seguintes classificações: *Com carreta / carreta / carretas / Em serviço de carretos / serviço de carretos / carretos*.

Distingue-se do **Almocreve*** por ter uma actividade mais especializada: em princípio o carreteiro faz apenas o transporte de mercadorias, não acumula a sua actividade com o comércio, nem com a agricultura.

Pode ter ainda a designação de *Carroceiro*, o “condutor de carroça; aquele que faz fretes com carroça; aquele que pragueja como um carroceiro” (Figueiredo, 1925). Esta classificação também existe desde o século XVI (*Mercês*, 1583) e prolonga-se até ao século XX. Ainda em 1948 está presente na lista de doentes do hospital da Misericórdia de Avis e em 1964 no Recenseamento eleitoral. O carroceiro ficou marcado na língua portuguesa como sinónimo de falta de educação, pois estes homens, pelo seu contacto com os animais de carga e o hábito de os estimular com insultos, adquiriram a fama de praguejar o tempo todo. Nos Recenseamentos da População (INE), o carroceiro é uma categoria existente em 1940, na secção da indústria de transportes e comunicações. Neste mesmo ano surge nesta fonte a categoria de *Condutor*, já existente nos Recenseamentos eleitorais de Avis em 1890. Ainda nos censos encontram-se as seguintes categorias: *Condutor de veículos de tracção animal* (1960); *Condutor de animais* (1960/79); e *Trabalhador de transportes* (1960).

Existem várias especializações para esta actividade, consoante a mercadoria transportada. Por exemplo o *Acarretador* é um Carreteiro especializado no transporte de cereais para os moinhos e, posteriormente, na distribuição da farinha. Utiliza carros de muares ou apenas uma besta. Este termo é usado no Alentejo (Registos Paroquiais, Avis, 1890) e no Algarve (Figueiredo, 1925) e designa um trabalhador independente que executa tarefas de transporte para o moleiro. Tem como sinónimos os termos *Acarretador do pão* (Forais Manuelinos, Arraiolos, 1511, com a grafia *acarretador do pam*); *Carreteiro do moinho* (Lisboa, século XVIII, gravuras do Museu da Cidade); e *Maquilão* (Arraiolos, Contribuição Municipal, 1839, e Monsaraz, Rocha, 1994). Esta classificação é sempre masculina e muito pouco frequente, pois, na maior parte dos casos, eram os próprios moleiros que faziam a recolha dos cereais e a distribuição da

farinha. Também podia dar-se o caso dos clientes o fazerem. Outro caso é o do *Carretador*, que transporta a azeitona para os lagares e encontra-se nas Actas de Vereação de Loulé no séc. XIV. Leite de Vasconcelos (1933) também refere a figura da *Acarretadeira*, no norte, uma mulher que trabalha para o proprietário de um forno e vai a casa dos clientes buscar o pão e levá-lo depois de cozido.

Quando o Carreteiro anda a pé, sem carro nem animais de carga, tem a classificação de *Caminheiro* (Actas de Vereação de Loule, séc. XV e Casa de Bragança, Vila Viçosa, *Mercês*, 1583) o que anda a pé pelos caminhos, transportando mercadorias e correio. Esta profissão era frequente nos séculos XVI e XVII, antes das construção de melhores caminhos por onde passaram a circular carros de tracção animal. Alguns eram donos de escravos, escravos ou libertos, como descreve Jorge Fonseca em Évora e Vila Viçosa nos séculos XVI e XVII: por exemplo “«homem baço mas forro», Gaspar dos Reis, caminheiro”, 1624 (Fonseca, 1997). Em Évora encontramos uma evolução desta profissão: o *Burriqueiro*, um alugador e guia de burros para transporte de carga (Falecidos no Hospital de Évora, 1883, Mendonça, 2000).